Estado do Amazonas

REVISTA Amazonense

Publicação official sobre INSTRUCÇÃO PUBLICA, SCIENCIAS, LETRAS e ARTES, fundada no governo do ex.mo sr. dr. ANTONIO CONSTANTINO NERY, em 1906.

JANEIRO

ANNO I

N.º 1

Director — Octavio Pires

REDACTORES — Agnello Bittencourt, Theodoro Rodrigues, drs. Veridiano Gonçalves, Luiz Barreiros e F. J. da Silva Ferraz.

Caixa postal N.º .....

MANÁOS

TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA CLASSICA

DE

J. J. da Camara

1906

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO VERGARA MONTEIRO

Dr. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

Revista Amazonense

Director: — OCTAVIO PIRES

Redactores: — Agnello Bettencourt, Theodoro Rodrigues, drs. Veridiano Gonçalves, Adriano Jorge, Luiz Barreiros e J. da Silva Ferraz.

Vol. I — N.° 1 | Janeiro de 1906

A NOSSA REVISTA

A ausencia de uma *Revista* que puzesse em communicação os mestres entre si e lhes proporcionasse informações sobre os mais complicados assumptos do ensino, e ao mesmo tempo lhes offerecesse meio de publicar "as observações colhidas na vida escolar e que possam trazer novas luzes a delicadissimas questões pedagogicas," de longe vinha sendo notada e constituindo uma lacuna em nosso meio educativo. Não escapou essa falha ás observações e largo descortino do patriotico governo deste Estado que, empenhado sempre em aperfeiçoar o mestre e desenvolver e ampliar o ensino, tratou de fazel-a desapparecer, com a publicação que ora encetamos, e que vale mais pelo cumprimento de um dever, do que pela satisfação de um desejo.

Sabemos que a impressão que produz a nossa *Revista* é a de uma coisa, que terá a duração da rosa de Malherbe; mas estamos convencidos de que isso não succederá, porque, quando nos abalançamos a creal-a, vimos todos os obstaculos e consideramos todas as difficuldades; e mesmo porque não acreditamos que uma classe grande pelo seu numero, elevada pela sua missão, dignificada pelo seu fim, como é a do professorado amazonense, "tenha caido inteiramente na apathia, para que, falando-se-lhe tão de perto nos seus interesses mais caros, mais actuaes e palpitantes, ella volte o rosto frio e desdenhoso."

Não acreditamos que haja um professor que deixe de achar interressante um *jornal* que mensalmente lhe dê noticia circumstanciada e exacta de tudo quanto concerne á sua profissão, que o ponha em communicação directa com os seus collegas, facilitando-lhe meios de trocar impressões, discutir com interesse e franqueza as duvidas, as experiencias e as idéas, assim como de mostrar ao governo e ao publico o seu gráo de cultura, de capacidade e de dedicação.

E não são somente os professores os interessados na publicação da nossa *Revista*, o publico tambem lucrará com ella, porque alem do assumpto especial do ensino e da educação, "que não pode deixar de interessal-o profundamente, por isso que não haverá bom pae de familia que não procure saber quem ensina seus filhos, o que lhes ensinam e como ensinam," ella terá uma parte mais ou menos desenvolvida, sobre sciencias, letras e artes.

"A Revista", diz o notavel educacionista brasileiro José Verissimo, "é em todos os paizes o meio mais adquado de diffundir idéas e de provocar movimento de idéas. Toca em todas as questões, de tudo chama a attenção ou desperta o interesse, sem obrigar a longos e despendiosos estudos e de uma maneira mais seria, mais efficaz que o jornal. Entre o jornal e o livro ella é justamente a forma de publicação que melhor convem a uma classe ou á massa do publico a quem escaceam tempo e meios para estudos profundos e originaes ou leituras laboriosas e extensas."

As questões de educação, porem, não são de exclusiva competencia da escola e

do professor, sinão tambem da familia, dos paes e das mães, sobretudo."

"Uma *Revista pedagogica* deve ter entrada e bom acolhimento nas familias, cujo concurso é indispensavel á escola para o bom desempenho de sua tarefa."

"Por outro lado devemos considerar que nenhum movimento efficaz, em qualquer ordem de actividade humana, é possivel, principalmente numa sociedade democratica, sem a cooparticipação do publico."

"E' ella que, em definitiva, perfilhando esses movimentos que fazem o progresso, torna-os fecundos e efficazes, como é o ar quem propagando a onda sonora leva e espalha o verbo feracissimo."

Diante das palavras do Mestre e da utilidade que todos reconhecem nas publicações congeneres á nossa, ninguem julgará desnecessario o apparecimento da *Revista Amazonense*, tanto mais quando em um meio em franco desenvolvimento como o nosso, em caminho de maior expansão e força material, necessario se faz tudo quanto tenha por fim concorrer para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da educação popular, unico meio de crear uma limpida atmosphera moral.

A presente *Revista* é, pois, mais um elemento de desenvolvimento e progresso intellectual que, unido aos outros concorrerá para que se não diga que nesta terra onde tudo é grande, somente o homem é pequeno.

As nossas columnas estão abertas não só aos que têm o dever de auxiliar-nos com a sua experiencia e as suas luzes, como tambem para todos que, cheios de bôa vontade, nos queiram, dentro do nosso programma, dispensar o seu apoio.

Contamos, pois, com o concurso franco do professorado secundario e primario do Estado, garantindo-lhe carinhoso agasalho nas columnas da *Revista Amazonense*.

OCTAVIO PIRES.

BILHETES DE VISITA
Na
LIVRARIA CLASSICA

MALES A EXTINGUIR

I

De longo tempo dedicado á causa do ensino publico, conhecendo-lhe de perto as multiplas e sempre palpitantes necessidades, as longas observações que temos feito nos impelem a escrever estas palavras, com as quaes não pretendemos assanhar velhos habitos, por ventura existentes, mas combater aquillo que inquina a educação intellectual e social do professor e, consequentemente, d'aquelles com quem quotidianamente convive na vida escolar.

Tudo quanto aqui escrevemos é resultado de factos a que repetidamente assistimos e ninguem poderá accusar-nos de pretenciosos e falhos.

Não nos abalançamos a uma censura, que razões nos fallecem para tal procedimento; fallamos arrimados á mais franca verdade.

O professor é o espelho do alumno.

O procedimento d'aquelle regula o d'este, maximé em factos de caracter puramente moral.

E' o vestuario, a maneira de trajar do professor uma das causas principaes d'este ligeiro artigo.

Naturalmente seremos apontados de pedantes e pretenciosos, exigindo do professor um verdadeiro luxo.

Não é esta, porem, a intenção d'estas palavras; queremos somente trabalhar em prol do bom nome e da distincção do professorado, que deve estar sempre fóra do alcance de qualquer censura da sociedade em que vive.

Sabem todos que o trajo, o falar e o proceder do professor influem poderosamente no espirito do alumno, de maneira que este vae assimilando as acções d'aquelle.

O professor que não sabe vestir-se, que se apresenta sempre diante dos discipulos com uma roupa ensebada, de gravata mal posta, mal calçado, unhas e dentes sujos ensina fatalmente o menino a seguir-lhe a linha de proceder, a attentar sempre contra as leis da hygiene e do decoro, apresentando-se em publico num lamentavel estado de relaxamento.

E no emtanto, quanto se sente satisfeita a criança vendo o seu professor sempre limpo, amavel, alegre, suavisando as lições com historias e contos que lhe deixem n'alma um fundo de moral, que lhe evitem o aborrecimento, consequente de lições que o espirito infantil não póde de prompto alcançar. Tivemos occasião de observar o seguinte facto que nos parece sobremodo interessante e vem em auxilio da idéa basica ou do thema de que aqui nos occupamos. Um menino, filho de uma familia distincta, fôra matriculado em uma escola publica primaria, funccionando em predio terreo, de aspecto pobre e sombrio, collocado numa rua estreita e sem movimento. A mobilia da escola era desigual e velha, as paredes, amarellentas e a professora, uma senhorita de vinte annos, não possuia o menor attrativo de formosura. Cabellos negros, mas sem arte alguma presos, por um pente ordinario, roupas de cor escura, sem um certo apuro de feitio, botinas grossas, ella com áquelle continuo ar grave e inexpressivo, usando uma linguagem banalissima, deturpadora dos principios da syntaxe, inspirava aquelle menino um sentimento de medo, de terror mesmo, nada aprendendo, porque tinha receio de se aproximar da mestra, longe da qual, naturalmente desejava viver.

Esta mesma criança foi removida depois para outra escola.

Ahi outro scenario se lhe apresentou.

A professora trajava-se com apurado gosto e elegancia, expressava-se correctamente e tinha o dom genuinamente feminino da caricia, o desvelo de mãe, de maneira que a escola agora representava aos olhos da criança o prolongamento do lar.

Veio d'ahi uma profunda estima do alumno á professora e, consequentemente a applicação, o esforço, o capricho, a bôa vontade, tornando-se este menino o primeiro d'entre seus collegas.

Incontestavelmente este é um exemplo edificante, observado por quem muito de perto conhece o movimento escolar.

Vem agora á balha um facto de não menos importancia: a linguagem do professor.

Numa escola superior verifiquei o extraordinario acontecimento que passo a relatar:

— Um professor de português fazia em aula uma lição sobre vicios de linguagem. Encarou a questão por todos os lados.

Falou demoradamente a proposito de barbarismos, gallicismos, germanismos, latinismos, brasileirismos, estadualismos. Combateu calorosamente o vicio *manda elle*, *pega elle*, *chama elle*, demonstrou proficientemente a improcedencia, a illogica desses dizeres, attentatorios á syntaxe da nossa bella lingua.

E meia hora depois, na secretaria do estabelecimento, dera este recado a um alumno a quem explicara a lição de vicios de linguagem:

«O' Pedro, se encontrar o José, diga *a elle* que me venha fallar. Mande *elle* aqui.»

Eis aqui como se destróe uma lição, como o proprio professor apunhala a grammatica!

Por acaso o mestre não saberá manter uma linguagem correcta diante dos seus alumnos, falando sempre contrariamente aos preceitos da syntaxe?

Póde e deve fazel-o. De forma alguma elle tem o direito de uzar uma linguagem viciada na escola, á frente de seus alumnos ou mesmo em qualquer outra funcção social. Deve cosiderar como muito seria a grande e sempre complicada missão do ensino, para a qual tem a obrigação de estar sufficientemente preparado. Precisa não fiar-se, como em geral acontece, somente nos conhecimentos longos ou parcos adquiridos em um curso, onde muitas vezes a desidia corre parelhas com a incompetencia dos professores, agarrados a velhas theorias caducas, a definições irracionaes, a compendios mal escriptos, mal copiados e amparados por um favoritismo que degrada o ensino, porque o vicia e o deturpa.

Preparado o professor, instruido tanto quando exige o seu mester, certamente a escola não será o «carcere sombrio» mas o templo sagrado, brilhando ás scintillações da luz e de onde sairão em ondas luminosas a liberdade do povo e a elevação dos espiritos.

THEODORO RODRIGUES.

Cartões postaes illustrados
NA
LIVRARIA CLASSICA

Esposa e Mãe

(Scenas da secca do Ceará)

Vira tombar ali, exhausto de cançaço,
e morto pela fome aquelle esposo amado,
a quem dera na vida o seu primeiro abraço,
o consolo ideial de um seio immaculado.

A dor fôra tão grande e fôra tão intensa,
tinha tanto amargor dentro do coração,
que não teve um só pranto,
que não soube chorar
esse que amára tanto
e que vira tombar
ferido pela morte e sem roupa e sem pão.

Perto do lar cavára a pobre sepultura,
onde escondera o corpo esqueletico e frio.
Vinha cahindo a tarde e toda a azul planura,
tudo em redor de si tinha o aspecto sombrio.
As arvores erguiam os galhos desfolhados
para os céus, para os céus e nem os passarinhos
vinham cantar á tarde os magicos trinados
e debruçar-se á borda de seus toscos ninhos,
como em tempos passados.

Triste desolação tudo manifestava!
e sentindo-se ali do mundo desterrada,
vendo que a terra então pelo sol fustigada
como que soluçava;
vendo-se sem amparo em meio do deserto,
batida pela dor,
tinha vago o olhar e tinha o passo incerto
para se encaminhar pela noite do horror.

Depois fôra maior a sua desventura:
quando voltára á casa, olhando silenciosa
para o leito, onde estava semi-núa e pura
uma criança a dormir, leve botão de rosa,
doce fructo de amor, élo dessa cadeia

que a prendera de vez ao combate da vida,
sua alma se abateu pela magua vencida,
e de tão desgraçada
chora em dores perdida
a flor idolatrada,
a flor extremecida.

Era a viva expressão do desespero humano,
da miseria e do horror.
Ferida pela mão de um destino tyrano,
o desvairádo olhar volvido vagamente,
era aquella mulher que amára doudamente
a sombra da desdita, a sombra do terror.

E como assim não ser, se tinha a perseguil-a
um duplice martyrio e qual o mais atroz?
A tortura cruel entrecortou-lhe a fala,
o mais duro soluço emmudeceu-lhe a voz.

Subito agarra o filho e—nesse ethereo instante
em que a mulher é mãe—tinha doce o olhar,
murmurou de mansinho uma prece incessante
e foi-se pela estrada, abandonando o lar.

Tombára a noite então e, aconchegando ao seio
o filho extremecido,
aquella pobre mãe tinha o louco receio
de sentil-o chorar e de morrer transido
pela magoa.
Logo seu coração partido
pelo extremo soffrer, pela suprema dor
palpitara de novo, a extremecer de amor;
sua alma se elevou numa prece contricta
pedindo e supplicando áquella criancita:
—Piedade, meu Senhor, para os que soffrem tanto;
bem sabeis, Deus do céu, quanto choramos, quanto,
sob o pezo cruel de uma sorte tão dura,
sob o pezo cruel de tanta desventura!

Já vinha no horizonte despontando a aurora
e os passaros gentis, que cantavam outr'ora
pelos ramos em flor, trinulam tristemente
uma canção de magoa afflictiva e dolente,
traduzindo talvez essa amargura intensa
de um povo que supporta uma desgraça immensa.

Ascende pouco a pouco o sol vivificante,
rubro e abrazador, eterno e coruscante,
a rolar pela face azulada do céu;
raios a desfazer o opalescente veu
de neblina que envolve a cabeça dos montes,

perdidos para alem, longinquos horizontes,
envolvidos na luz contuza das distancias.
No emtanto essa mulher caminha, arfando em ancias,
tendo ao calor do seio o filho idolatrado,
pallido, mal chorando, inerme, extenuado,
pela sede, e morto de fome e de cançaço,
cahido mollemente o pequenino braço,
olhos sem expressão e a boca retorcida.
flor que tenta viver, mas de quem foge a vida.

Doia então de ver o desespero extremo
d'aquella mãe, levando o consolo supremo
de uma vida infeliz. Sente-se tão cançada!
fôra longa e cruel a sua caminhada.
Relanceia um olhar em procura de agua,
em procura de pão. E que profunda magua
lhe fere o coração! Toda a terra escaldava
ás ardencias do sol que rubro caminhava
pela abobada azul, serena e transparente,
toda severa e má, calada á voz plangente
dos que querem matar a fome devorante,
dos que querem matar uma sede incessante.
Mesmo o céu muita vez é impassivel e mudo
á supplica, ao soluço, á prece, á magua, a tudo
que sae do coração dos que padecem tanto,
porque nunca pensou que uma gotta de pranto
dos olhos de sua mãe, na angustia dolorosa
póde fazer brotar nas folhas de uma rosa
um soluço, e nascer nas estrellas doiradas
a dor que arrasta e esmaga as almas ciliciadas.

E essa pobre mulher vae pela estrada poenta;
apressa o morto andar, apressa-o mais e tenta
correr, livrar da sede o seu filho querido,
derradeiro penhor do seu viver dorido.
Já se avista bem perto a alegre casaria
da cidade; ao vel-a, a misera mãe sentia
um profundo praser. Procura mais andar,
chega ao peito, a criança e, a rir e a chorar,
corre, mas oh! desgraça que de tudo zomba!
pára, geme, e soluça, e rodopia, e tomba
morta pelo cançaço. E secco o magro seio
para matar do filho o doloroso anceio,
dá-lhe sangue a beber e nesse sangue a vida
em que fôra infeliz, deveras perseguida
pelo infortunio atroz. Triste, atirada ao chão,
a boca hiante, o olhar nublado e a negra mão
aconchegando ao peito o filhinho adorado
que bebe sem cessar o leite ensanguentado,
tenta uma vez se erguer, mas ninguem a soccorre
e anceia, e treme, e espuma, e se retorce e morre.

THEODORO RODRIGUES

Agremiação de professores publicos

Causa reparo que os professores deste Estado ainda não se tenham deixado influenciar pelo espirito da epocha, e continúem isolados, sem procurar congregar-se, formando um todo uniforme e resistente, em bem da classe em geral e do ensino em particular.

Já ha muito isso deviam ter feito, mas, parece que devido á indifferença de uns, á descrença de outros e á timidez e ao retrahimento de quasi todos, têm elles vivido, até hoje, vida de anacoreta, sem approximação, sem um centro de reunião, onde possam trocar impressões, aperfeiçoar os conhecimentos, illustrar o espirito e estreitar os laços que os devem ligar fraternalmente, identificando-os e dignificando-os.

E' preciso que procurem reparar essa falta, e applaudiremos de coração qualquer movimento que se note entre esses abnegados, membros da utilissima classe do professorado brasileiro, no sentido de agregarem-se, conseguindo assim que não se lhes neguem as considerações maiores, ou pelo menos as gratidões calorosas, a que lhes dão direito os seus serviços.

Agindo como estão, é que não obrigarão a sociedade a fazer-lhe a justiça que merecem, pelo muito de bem que a todos fazem.

Um acto de alevantado espirito e energia inquebrantavel, que abone ao professorado, collocando-o em destaque no meio de outras classes, visto o seu nobilitante e elevado fim, se faz sentir, e lamenta-se mesmo que, tão numerosa corporação viva esphacelada e distanciada do espirito de associação preponderante entre todos os povos.

E essa falta maiores reparos provoca, attendendo-se que os agentes do ensino actualmente, não podem mais ser comparados ao «mestre escola» ignaro dos tempos idos, sem saber e sem caracter, e que os spartanos embriagavam para servirem de palhaço e de asco aos que deviam ser no futuro os cidadãos da valorosa Republica.

O professor do presente é um homem verdadeiramente moderno pela cultura e pela orientação, é profissional competente e zeloso e entidade preponderante da civilisação moderna.

Acompanha o progresso, e como todos que vão para frente, procura o estimulo da idéa, o lenitivo do bello; e um dos meios que se lhe apresenta para a realisação de suas aspirações é justamente o da agremiação.

Dispensal-o, seria inepcia ou imprevidencia.

As classes e os individuos que desconhecem ou renunciam as vantagens das associações são sempre derrotados, estacionam ou retrocedem, e o progresso passa por sobre elles deixando-os envoltos na obscuridade, devorados pelo egoismo e ignorancia.

Ao contrario, os anciosos de um melhor porvir, unificam-se, apossam-se do espirito da epoca e assim apparelhados entram resolutos na luta e vencem.

Hoje niuguem mais trabalha isolado, porque o homem reconheceu que somente por meio do esforço collectivo, é que se torna invencivel e as classes fortes.

Por isso, os homens associam-se para trabalhar pela felicidade uns dos outros, para combater a ignorancia, para favorecer o desenvolvimento da intelligencia e tornal-a mais apta para a luta do presente; os homens associam-se para curar as enfermidades do corpo, para satisfazer as exigencias do espirito; os homens associam-se, finalmente, para conservar vivo o amor da patria, para aprender a offerecer o sangue pelo bem dos seus semelhantes e do paiz, quando periga a integridade de sua patria amada! Generosa resultante da evolução do sentimento e da humanidade!

O espirito de associação não só avigóra e desenvolve as classes e os individuos, como tambem despoja-os do egoismo, e obriga-os a pensar não somente na sua sorte, como nas dos demais.

Assim sendo, reconhecido como está ser a associação o melhor meio de pêrfeição e vitalidade, seria um crime manter-se o professorado primario deste Estado, grande pelo seu numero, como em outra parte já dissemos, elevado pela sua missão, dignificado pelo seu fim, disperso, retrahido e sem estimulos e aspirações!

Sem congregar-se e agir em commum, não pode lutar e vencer!

Ardua e espinhosa é a sua missão; esta necessita de muito esforço, e, pode-se di-

zer mesmo, que a somma de energias que com ella se gasta, não pode ser despendida pelo homem isoladamente.

Necessario se faz uma cruzada, grande, generosa, bem orientada, e que tenha por divisa espalhar idéas novas, iniciar obras beneficas, e que por meio de trabalho pertinaz e acurado, abra de par em par os corações dos homens de boa vontade, para fazel-os collaborar na obra do bem e que por meio de propaganda generosa, forme com enthusiastas partidarios e que da bandeira desfraldada cubram-se todos os homens de alma grande, capazes de sentir a ineffavel satisfação que produz a sorte dos demais, quando a consciencia se consagra á cabeça e ao coração!

Assim melhor trabalhará o professorado pela felicidade geral; e, a despeito dos egoistas, que só se inspiram no bem pessoal, dos retrogados que o progresso deixa atraz em sua vertiginosa carreira, e dos insensatos, que não sabendo a quem servir, servem ao mal, cumprirá o seu dever, e fortificado pelo poder da associação triumphará no presente e no futuro, e mais facilmente conseguirá satisfazer o seu programma e altruistico fim — VIVER PARA OS OUTROS!

Octavio Pires

These de concurso á cadeira de Geographia geral e chorographia do Brasil do Gymnasio Amazonense pelo candidato Agnello Bittencourt.

Esboço historico. O genio aventureiro e audaz dos hespanhóes, fascinados pelo ouro que se dizia existir em grande quantidade na America, ao tempo de sua descoberta, incitou as primeiras expedições, que visitaram todo o continente, em procura do afamado EL-DORADO e da FONTE DA JUVENTUDE. Espalhara-se a noticia da existencia desse paiz, cuja capital continha palacios sustentada por pilares de fino metal; os seus habitantes viviam felizes, gosando do encanto produzido pelos reflexos de um sól resplandecente.

A imaginação dos povos da peninsula Iberica ficou depressa invadida pelo mesmo ideal.

Portuguezes e hespanhóes, sobretudo estes, não mais mediram a largura do Atlantico, nem *o Mar tenebroso* lhes parecia tão cheio de pavor. Custosas expedições foram lançadas, desde o norte até ao Sul do Novo continente. Cortez consegue dominar os *aztecas* da poderosa nação dos Incas; Pizarro faz o mesmo no Perú, onde commette atrocidades.

A sua missão, porem, não estava finda, pois que o El-Dorado era ainda um mytho; urgia achal-o, para o que contracta Francisco Orellana afim de percorrer o interior do paiz. Este aventureiro, que já se havia feito portador de algum ouro tomado aos naturaes, desde o Napo, chega a um grande rio *d'agua branca*, aproveita a sua impectuosa corrente para fugir, roubando a Pizarro essa riqueza que fôra confiscada aos desventurados Incas. O fugitivo viu tribus selvagens que o perseguiram, sendo atacado tenazmente na fóz do Nhamundá por uma de homens de longos cabellos, ficando, por isso, na persuasão de que eram mulheres que lhe faziam guerra. Desde esse momento é mudada a denominação do rio que havia sido baptisado com o nome de Orellana, para o de *Amazonas*, em allusão ás lendarias guerreiras do paiz da Capadocia. Differentes dellas eram sem duvida, os aborigens das margens do Rio Mar, como poeticamente foi appellidado depois: aquelles atrophiavam o seio direito, conforme nos diz a etymologia da palavra; sem *a mazos* seios—, para poderem trabalhar com a lança, sua principal arma: a estes a natureza deu-lhes animo para não se deixarem vencer por qualquer Bellerophonte . . . Eis a lendaria origem do vocabulo designativo do grande rio, que em Janeiro de 1500 ja tinha sido visto, em sua fóz, pelo navegador Vicente Yanez Pinzón, recebendo então o nome de *Mar Doce*. Chamou-se Amazonia a immensa região por elle banhada e tambem Amazonas o Estado brasileiro, que se estende desde o monte Parintins até o Javary.

Pela sua situação geographica, pela sua vastidão territorial e pela grandiosa rêde hydrographica, que possue, occupará o Amazonas, em um futuro não muito remoto, um logar distincto entre os demais paizes do mundo.

Coberto de beneficios taes, a Providen-

cia não ter-lhe-ia reservado destino indigno de sua natural opulencia.

O que era elle ao alvorecer do seculo XIX, dil-o a historia: hoje está merecendo a attenção de nacionaes e estrangeiros, que aqui vêm buscar, nas selvas amazonicas, os seus productos, como a borracha, a castanha, o cacáo, etc, que tão cedo não se extinguirá, como das minas de ouro desapparece o estimado metal. Além disso, o solo uberrimo é uma garantia para quem quer viver da agricultura, aproveitando as terras, onde nascem, quasi expontaneamente, todas as plantas dos climas tropicaes. As mattas estão a offerecer os recursos, o prompto *capital* aos que não quizerem cultivar a gleba. Não ha região em que o immigrante encontre, desde o dia da chegada, o elemento do trabalho.

Max Nordau, no seu livro *Fin de siècle* demonstra que, *ad futurum*, os povos civilisados procurarão, de preferencia, a zona equatorial, visto que ahi o homem é mais intelligente e a luta pela vida, de que nos fala Darwin, é menos cruel, pela facil satisfação de necessidades immediatas. Tal parece razoavel. A velha Europa e mesmo a Asia, estão cançadas; contendo uma população excessiva, sem comtudo terem crescido os recursos materiaes para sua subsistencia, presume-se, que a America, na sua parte equatorial, seja o fóco da poderosa corrente immigratoria, como actualmente está sendo.

Seja-me permittido, porem, observar qual foi o passado desta região amazonica.

(A seguir)

A educação da mulher e a sua emancipação. Diz um jornal estrangeiro:

«Um dos themas sociaes mais antigos, e apesar de antigo, perpetuamente novo e opportuno sempre, é o da educação da mulher. Se o christianismo a emancipou moralmente, se lhe deu uma consideração que as outras religiões lhe negavam, ainda assim o mundo moderno não se considera satisfeito e procura equiparal-a perfeitamente ao homem, garantindo a independencia a que ella se julga com direito.

Achamos esta aspiração justissima, tanto mais que se baseia num principio natural. Ninguem poderá negar a aptidão femenina em todas as manifestações da vida, em todos os ramos de conhecimentos humanos. Nas civilisações rudimentares, nas tribus africanas ou da Australia, são ellas que trabalham, verdadeiras escravas do homem, que vive no ócio, mantendo pelo despotismo a sua superioridade. Não é preciso, porem, ir tão longe, para encontrar o exemplo. Nas nossas provincias do norte, a mulher é que é, em grande numero de casos, o elemento activo da familia. Ella moureja nos trabalhos domesticos, ella arroteia os campos, ella apparece nos mercados vendendo os productos de sua industria caseira.

Ha certas occupações que parecem destinadas especialmente ás mulheres e em que ellas poderiam e deveriam ter um dominio exclusivo. Em compensação ha outras superiores ás suas forças e á sua indole, e nas quaes são admittidas por espirito de ganancia. A lei poderia distribuir sensatamente estas diversas aptidões, embora reconheçamos os attritos que poderiam surgir com similhante regulamentação.

No nosso entender, não ha nada menos apropriado de que ver o sexo masculino dirigindo os estabelecimentos de modas e outros congeneres. Worth, o celebre costureiro de Paris, será uma individualidade muito notavel, um artista muito perfeito, mas parece-nos ridiculo, mais do que isso, parece-nos uma verdadeira aberração. A agulha é o sceptro que ninguem deveria arrancar das mãos da mulher.

A obra emancipadora da mulher caminha a passos de gigante e na exposição de Philadelphia e outras, umas das maravilhas tem sido a parte consagrada ao trabalho femenino. Ali está praticamente demonstrado o que vale a sua intelligencia, a sua actividade, a sua iniciativa Em todos os ramos da industria e do saber ella mostra triumphante quanto é valiosissima a sua cooperação na conquista immacula do progresso.

Admiramos estes esforços e applaudimos esta crusada, embora o nosso apoio não seja inteiramente incondicional.

Como já aqui temos propugnado mais de uma vez, achamos justo e natural que a mulher se emancipe em absoluto dos seus deveres de familia. A mulher e o homem são dois seres que se completam physica e

moralmente, e é necessario que as relações moraes se cumpram de um modo delicado, harmonioso, sem que a supremacia do homem se faça sentir sob um aspecto oppressivo e revoltante.

A mulher precisa educar-se para as lutas da vida, para que seja um auxiliar e não uma escrava, para que se torne indispensavel e não inutil, para que seja uma entidade respeitosa e não um objecto de luxo.

A familia ha de ser a base eterna da sociedade, e quando mais bem educada for a mulher, tanto mais estavel e mais apreciavel será a familia.

Tirar á educação da mulher esse caracter de entidade affectuosa, será contribuir para augmentar o desequilibrio que se nota nas relações sociaes de certas camadas.

Preparada a mulher neste sentido, estamos convencido de que deixará de ser perigosa e ameaçadora, como alguns temem, a concorrencia que ella possa fazer ao homem nas diversas phases da luta pela vida. Ha alguns empregos e profissões, em que é já difficil encontrar logar pela abundancia dos que se destinam á mesma carreira.

Em paizes de grande desenvolvimento intellectual, uma das causas da crise é o proletariado literario e scientifico. O mal augmentaria de certo, se as mulheres competissem em egualdade de numero como os homens que alcançaram um diploma universitario.

Tudo, porem, se pode conciliar perfeitamente, comtanto que se não exorbite e se não queira fazer da emancipação da mulher um antagonismo perigoso. A sociedade não é um pomo prohibido para a mulher, como symbolicamente pretendia a Biblia.

Uma educação ampla e vigorosa, bem comprehendida e executada, deve ser um elemento de força para a mulher e um elemento de felicidade para a familia. Pôr de parte este factor, seria tornar illusoria a resolução do problema».

Acceitam-se encommendas de trabalhos de autotypia, zincographia, reproducção de quadros, gravuras, desenhos á penna, aguarellas, etc.

LIVRARIA CLASSICA

PEDAGOGIA

Educação e instrucção

Multiplas e variadas são as definições que os pedagogistas têm dado a estas duas palavras, porem todos elles têm chegado ao resultado de que a segunda completa a primeira e que separal-as é fazer que o seu fim seja diverso e de resultado negativo.

E, effectivamente, assim o é.

Desde o nascer o homem acha-se envolvido por um ambiente complexo, ao qual se adapta e em o qual luta contra os elementos que sobre elle actuam.

Esse ambiente, essa luta, o transformam lentamente, determinando seu modo de ser physico, iniellectual e moral, sua modalidade e seu caracter.

As forças que possue esse dom modificativo são naturaes e artificiaes: as naturaes são—o clima, o solo, o alimento e a sociedade; as artificiaes são—a escola, a officina, os asylos, finalmente todos os meios de perfeição inventados pelo homem.

O conjuncto dessas forças é o que se chama educação; esta tarefa comporta dous elementos—a natureza e o homem.

A educação combate sempre por um lado as manifestações do individuo que, por causas hereditarias, tratam de estabelecer um estado anormal; e por outro desenvolve e aperfeiçôa aquellas que correspondem as exigencias do meio. «E' o medicamento que cura com mais efficacia os cancros da sociedade, pois a adaptação é o progresso, a evolução constante, o eterno renovamento dos organismos; a herança é a anthitese: significa a esterilidade, enervamento, decrepitude; conserva o vicio—é o atavismo».

Si bem que as forças naturaes intervenham poderosamente na formação dos seres, o homem com os seus artificios pode multiplical-as em parte ou esterilisal-as, conforme convenha á sociedade, fazendo em annos o que necessitaria seculos.

Para isso, primeiro estuda as condições humanas, as suas necessidades e correspondencias com o mundo e por fim os meios que hão de modifical-as, para adaptal-as ás gerações novas, ás condições da

vida mais fecunda para a sociedade e para a especie.

A educação tende a formar habitos, a instrucção a ministrar conhecimentos; a primeira facilita a acquisição da segunda, e pertence á familia ministral-a, porque a ella compete estabelecer as bases sobre as quaes deve descançar a escola, o que importa n'uma grande economia de tempo e faz que se obtenham resultados maiores no desenvolvimento intellectual das creanças, com pouco trabalho.

«A' familia pertence o amanho do terreno, donde devem crescer e fructificar as sementes do ensino». E' no seio da familia que tem começo a educação da infancia e é ahi que se lh'a devem proporcionar os primeiros ensinamentos, no sentido de saber tirar do meio que a cerca os maiores proveitos.

Collocadas as creanças nas mãos das familias como materia prima, a esta compete, com proceder conveniente, desenvolver n'ellas as aptidões, que exercicios methodisados convertem em habitos.

E' isso o que se chama *educação domestica*, isto é, formal-as pela adaptação de novos habitos, o que equivale dizer, fazer que a creança espontaneamente trabalhe e ponha em manifestação suas actividades.

Isso feito, os phenomenos psychicos que, em principio, são solicitados e conscientes, acabam por ser livres e espontaneos.

Não sendo a escola por primeiro chamada a collaborar na educação das creanças, á familia compete encaminhal-as, e por meios artificiaes fazel-as adquirir os habitos, que outra cousa não são, sinão a adptação mesmo.

No desenvolvimento physico do homem, nota-se que, por impulsos inconscientes e espontaneos, elle vae desenvolvendo os seus orgãos, como que para preserval-os do atrophiamento e paralisação.

E' preciso por isso que o espirito seja impulsionado tambem, de forma a acompanhar o desenvolvimento do corpo no seu progredir, o que facilmente se pode conseguir pelos meios artificiaes.

«A falta de exercicio origina o actavismo intellectual e o retrocesso nos conhecimentos e crenças».

O exercicio e repouso methodisados convertem toda a funcção alternativa em habitual, e fazem que cessem as impulsões primitivas e que ellas se reproduzam espontaneamente. Esta lei funda-se «na faculdade que tem o organismo de *imitar* os outros, faculdade propria das colonias *individualisadas*, devido a sympathia que pode renovar actos no individuo mesmo».

Formar habitos nas creanças é tarefa importantissima e á familia o compete, tendo sempre em vista que elles se formam pela adaptação.

Essa tarefa será secundada pela escola, que aproveitando o que já estiver feito, constituirá esse trabalho e parte da educação, e que se chama—instrucção.

Um professor primario.

O congresso estadual e a instrucção publica

Como orgão do ensino publico, á nossa *Revista* interessará tudo quanto concerne ao ensino popular.

Applaudindo ou censurando, ella se manifestará sobre o assumpto primordial do seu programma; dirá sem rodeios o que sobre elle pensar e sentir; exporá com franqueza as suas opiniões, porque só assim nos sentiremos bem, e achamos que melhor cumpriremos o nosso dever.

E' na desobriga desse programma, e obedecendo a essa orientação, que nos vamos hoje occupar dos actos do nosso congresso, em relação ao magno assumpto pelo qual trabalhamos.

Felizmente, nãa estreamos maldizendo do nossa poder legislativo, porque a isso não nos deu direito, por actos praticados.

Ao contrario, o modo pelo qual tem encarado o maior e o mais palpitante assumpto—o ensino publico, merece os nossos applausos, os quaes não lhe regateamos.

O orçamento que acaba de entrar em execução, e que foi votado na ultima reunião do congresso, prova evidentemente o acerto com que se houveram os nossos re-

presentantes, cuidando seriamente de diffundir a instrucção por todas as camadas sociaes, e dando-lhe todos os elementos de desenvolvimento e progresso.

Não regatearam verbas para esse fim, e nem deixaram de habilitar o patriotico poder executivo com os recursos precisos para ampliar e aperfeiçoar o nosso ensino, extirpando-lhe as fealdades, com que a velharia e o carrancismo o maculam, dando-lhe assim uma feição moderna e progressista.

Attendeu o congresso, com louvavel patriotismo, as necessidades do ensino do povo em todos os seus detalhes.

Cuidou do material necessario ás escolas para o seu regular funccionamento, da edificação escolar, da fiscalisação do ensino, ampliando-o, da fundação de mais um estabelecimento artistico-industrial, do ensino particular, etc.

Não se pode exigir mais, de uma só vez, attendendo-se que multiplos são os serviços a cargo do Estado e ao decrescimento de suas rendas, devido a causas conhecidas, e das quaes não nos compete tratar.

E' louvavel, pois, o interesse que tem o congresso pela instrucção e o modo pelo qual corresponde á confiança publica, e em unidade de vistas com o poder executivo, procura melhorar e desenvolver o cultivo intellectual do povo, mostrando assim que neste Estado pratica-se o verdadeiro governo republicano, e que os poderes dirigentes sabem que—é por meio da instrucção que se evolue e se progride.

Com desvanecimento e como prova da nossa asserção, abaixo publicamos as verbas do orçamento em vigor, destinadas á instrucção publica, com suas descriminações.

Eil-as:

INSTRUCÇÃO PUBLICA

I	Directoria Geral . . .	61:080$000
II	Das escolas primarias. .	941:280$000
III	Do Gymnasio . . .	162:360$000
IV	Da Escola Normal . .	137:280$000
V	Das Escolas Complementares	72:000$000
VI	Do Instituto Benjamin Constant	68:000$000
VII	Da Inspecção do Ensino .	64:000$000
		1.506:000$000

Directoria Geral

82	Expediente e despezas miudas	4:000$000
83	Livros e mobilias para escolas	50:000$000
84	Decoração e mobilia . .	6:000$000
85	Festas do ensino . . .	2:000$000
86	Gratificação aos lentes de mais de 10 annos	2:000$000
87	Para premios estabelecidos no art. 96 do Reg. annexo ao decreto n. 214 de 27 de Dezembro de 1897 . . .	5:000$000
		69:000$000

Gymnasio Amazonense

88	Expediente e despezas miudas	3:000$000
89	Bibliotheca	2:000$000
90	Conservação dos gabinates .	1:000$000
		6:000$000

Escola Normal

91	Montagem do Gabinete de Physica, Chimica e Historia Natural	5:000$000
92	Montagem da aula de desenho	3:000$000
93	Expediente e despezas miudas	3:000$000
		11:000$000

Escolas Complementares

94	Expediente e despezas miudas	2:000$000

Instituto Benjamin Constant

95	Alimentação para 114 pessoas	100:000$000
96	Vestuario para 100 alumnas .	35:000$000
97	Illuminação	4:000$000
98	Medicamentos . . .	6:000$000
99	Expediente	6:000$000
100	Materia prima para trabalhos	6:000$000
101	Reparo e conservação de moveis	3:000$000
102	Roupa de cama, meza e cosinha	15:000$000
		175:000$000

Subvenção a Estudantes

129	José Raymundo da Silva .	1:800$000
130	Cassiano D. da Encarnação .	1:800$000
131	Raymundo Pinheiro . .	1:200$000
132	Adolpho José Moreira . .	1:200$000
133	Raymundo de Sá Antunes .	1:200$000
134	Manoel F. Vieira Marinho .	1:200$000
135	Rodolpho M. de Albuquerque Cavalcante	1:200$000
136	Albano José Moreira . .	1:200$000
137	Alvaro A. Soares Dutra .	600$000
138	Oscar Pereira de Magalhães .	600$000
139	Armando Cruz Barbuda .	1:800$000
140	José Sabbatini . . .	1:800$000
	Transporta.....	15:600$000

	Transporte . . .	15:600$000
141	Benjamin F. de Araujo Lima .	1:800$000
142	Luiz Gonzaga F. Dutra . .	1:200$000
143	Carlos M. da Silva Junior .	2:400$000
144	Armenio M. da Silva . .	2:400$000
145	José Souto . . .	1:200$000
146	Theumas de Oliveira Gualberto	1:200$000
147	Israel Tapajós . . .	1:200$000
148	José Ferreira R. Bittencourt .	1:200$000
149	Arthur Moreira de Carvalho .	1:200$000
150	Adolpho Alves Braga . .	1:200$000
151	Roque Falcone . . .	1:200$000
152	Elias Thomé de Souza . .	1:200$000
153	Lauro de Araujo Soares .	1:200$000
154	Argemiro Vidal Pessoa .	600$000
155	Alfredo Sergio Ferreira Filho	1:200$000
156	Descartes Drumond de Magalhães	1:200$000
157	Raymundo Donizetti Filho .	3:600$000
158	Alberto B. Araujo . . .	1:800$000
159	Pedro de Souza Leão . .	1:800$000
160	Luiz Collin	1:800$000
161	Amadeu Mello . . .	1:200$000
162	José J. Valente do Couto .	1:200$000
163	Eduardo Mendes. . .	1:200$000
164	Joaquim Vidal Pessoa . .	600$000
165	Adail Valente do Couto .	1:200$000
166	Raymundo de Paula Avelino.	1:200$000
167	Diomedes Accacio Rodrigues.	1:200$000
		46:800$000
	Auxilio aos estabelecimentos de ensino particular	37:000$000

THESE

Apresentada á Congregação da Escola Normal para concurso da cadeira de literatura e lingua nacional por

LUIZ BARREIROS

BACHAREL EM SCIENCIAS JURIDICAS E SOCIAES

A LITERATURA

I—Principios geraes.

II—Seus aspectos.

III—Literatura nacional.

I

Literatura é a expressão representativa das producções intellectuaes da humanidade.

Omnis definitio periculosa est...

A definição, mais ou menos, em voga que por ahi corre: *expressão escripta das producções intellectuaes de um povo,* é assaz restricta para pôr em relevo a vasta accepção que o vocabulo alcança.

Não podemos, por isso, endossar a formula *expressão escripta* que se encontra, aliás, em compendios dignos de nota, porque em nosso conceito a significação do vocabulo *literatura* não nol-o permitte.

Para nós a literatura não é mediocremente o *conjuncto de producções escriptas*, pois d'est'arte restringil-a-íamos á mera condição de collectaneas posto que completas, mas a representação clarificada das manifestações intellectuaes de um povo compreendendo creações populares, sciencias, artes, politica, philosophia e todos os outros departamentos do saber humano.

E como ha producções artisticas, as da estatuaria e da pintura por exemplo, que não podem ser expressas por meio da graphia commum as quaes entretanto não perdem o seu caracter de um producto da manifestação da intelligencia, segue-se que nem todas podem ser a *expressão escripta*, e, consequentemente, reunidas ao *conjuncto de producções escriptas.*

A literatura é a fonte primordial de todos os conhecimentos humanos.

Por meio do estudo abeberamo-nos d'essa fonte e o nosso espirito, desde a contemplação inconsciente ante a minuscula carta alphabetica até a admiração consciente em face do maravilhoso das portentosas producções do genio, percorre gradativamente, adquirindo successivos conhecimentos, a escala ascendente de seu aperfeiçoamento dependendo este da maior ou menor solidez da cultura intellectual adquirida que, na essencia, vem a ser rigorosamente uma incontestavel literatura.

E não é nova a tendencia á consagração do preponderante logar que cabe á literatura entre as mais importantes construcções intellectuaes do engenho humano.

Tem-lhe, porém, faltado um reformador ou constructor de genio que a desloque do infimo nivel em que se acha e a eleve á posição central de um systema em virtude da qual gyrem, em seu derredor recebendo influxo e desenvolvimento, todas as outras producções da intelligencia; pois, não nos soffre o animo em dizel-o, em futuro não muito distante, será considerada a literatura a creação irreductivel, por excellen-

cia, entre as actuaes creações irreductiveis da humanidade.

Já De Bonald, dentro de sua theoria metaphysica da linguagem, diz-nos ser a literatura *a expressão da sociedade.*

Partindo do particular para o geral, quem diz *expressão da sociedade* enuncia do mesmo modo *expressão da humanidade*, tendencia consequentemente visivel para a consagração definitiva do papel primacial que compete á literatura.

No Brazil, tambem, já não passou despercebido á potente cerebração philosophica de Sylvio Roméro o amplo descortino aberto, intuitivamente, á verdadeira accepção da literatura.

No conceito do eminente mestre, a literatura compreende «todas as manifestações da intelligencia de um povo: — politica, economia, arte, creações populares, sciencias...e não, como era de costume suppor-se no Brazil, somente as intituladas *bellas-lettras*, que afinal cifravam-se exclusivamente na poesia!...»

Mas o emerito pensador que, na sua monumental obra (1) donde extraimos a profunda e verdadeira proposição que acabamos de citar, escreveu mais de mil e quatrocentas paginas, apenas dedicou essas seis linhas a respeito da amplitude da *expressão* literatura sem, conseguintemente, esclarecer os espiritos estudiosos com a luz da sua opinião propria acerca dos fundamentos d'essa amplitude.

D'este modo, a não ser Sylvio Roméro que aliás tocou, como vimos, tão perfunctoriamente, não conhecemos autor nacional que se tenha occupado da literatura debaixo d'este ponto de vista.

De autores estrangeiros, apenas, alguns criticos e historiadores allemães teem recentemente incluido na literatura a politica, o direito, a historia e a economia politica ao influxo naturalmente das doutrinas do notavel professor de Heidelberg, G. Weber que, desde 1848, conjunctamente com os assumptos propriamente literarios na restricta accepção vigente, debuxara o problema fazendo compreender na literatura: religião e theologia, pedagogia, philosophia e historia.

São portanto, poucos ainda os combatentes da incruenta campanha reivindicadora do verdadeiro logar da literatura.

Não importa. Todas as grandes idéas precisam da força evolutiva do tempo para triumphar. Sob a intuição d'estes principios que illuminam os grandes destinos a que se acha fadada a literatura, julgamos de grande utilidade, e não sem tempo, dever romper desde já com a rotineira noção acanhadissima que, até hoje, se lhe ha dado.

Escrevemos para ser lido por uma congregação illustrada.

Consequentemente, dirigimo-nos a mestres que, ha muito, vêm entendendo d'estes assumptos, por isso vemo-nos dispensado de fastidiosas prolixidades para pôr em relevo a necessidade de, nos cursos secundarios da mocidade brasilense, ser ministrado sob estes novos moldes o ensino da literatura.

O que escrevemos é pouco, bem sabemol-o; a falta de tempo peculiar a quem moureja a vida hora a hora não nol-o permittiu estensamente, mas esse pouco que ahi fica, sobre ser nosso, revela sufficientemente o elevado desejo que nutrimos de ver norteado por essa orientação o estudo da literatura em nossa patria.

II

Si o meio physico, temol-o hoje como provado, muito influe sobre o desenvolvimento das faculdades intellectivas, decisiva influencia exercem as condições sociaes de civilisação de um povo sobre as manifestações da intelligencia.

Um povo que não tem liberdade não possue literatura que somente pode medrar, expandir-se e florescer á luz dos principios d'aquella.

E', portanto, a literatura sob suas diversas modalidades o reffexo das varias condições sociaes de um povo.

Sob o ponto de vista do seu estudo systematisado a literatura é *universal* ou *nacional.*

E' *universal* quando tratamos de estudar e conhecer as producções intellectuaes de todos os paizes e em todas as epocas; *nacional* quando as investigamos em relação a um determinado paiz quer surgidas

(1) *Litteratura Brazileira*, pag. 13, 1.ª vol.

em todas as epocas quer durante um dado periodo.

A literatura é uma só em todos os tempos e por toda a parte; não é portanto susceptivel de divisão, por isso que dividil-a seria desaggregar a unidade typica de sua essencia.

O que ella apresenta é variedade morphologica conforme o aspecto do assumpto de que trata nas diversas ramificações em que se desdobra.

A antiquada divisão de *sagrada* e *profana* ha muito que é um archaismo fossilisado que o amplo descortino hodierno aberto á evolução da literatura fez sotterrar e desapparecer.

Não passa hoje de mera curiosidade historica.

A de *classica, romantica* e *realista* já teve o seu tempo; hoje a moderna intuição do logar culminante que compete á literatura entre os construcções intellectuaes do saber humano a repelle e a condemna como inutil por impropria.

Estas e outras divisões que por ahi correm mundo teem a eiva do mesmo vicio de origem na impropriedade da applicação á inconsistente classificação elementar que se tem erradamente dado á literatura.

A literatura na ampla accepção que realmente abrange, assemelha-se a uma grande arvore que se ramifica mas não se divide.

E' uma arvore tri-radiculada cuja constituição vamos, perfunctoriomente á falta de gravuva propria que melhor a representaria, descrever do seguinte modo:

RAIZES

São apenas tres, as quaes formam e caracterisam os tres typos embryogenicos da linguagem humana:

1.º—Monossylabicos.
2.º—Agglutinantes.
3.º—De Flexão.

O primeiro tem o seu exemplar representativo no idioma *chinez*, o segundo no *turco* e o terceiro no *sanskrito*.

D'essas tres raizes brotam tantas radiculas quantas são as linguas que d'ellas derivam.

Assim da primeira nascem os idiomas: (1)

Chinez, Annamita, Siamez, Birmano e Thibetano.

Da segunda:

Africanos, Nubios, Australianos, Oceanicos, Japonez, Coreano, Americanos, Basco, Dravidianos, Caucaseos, Hyperboreaes e o ramo Uralo-altaico que se compõe dos Mongolicos, Finnezes e Turcos ou Tartaros.

Da terceira:

Khamiticos, Semiticos e Indo-Européos sendo que aos Khamitas pertencem o Egypcio, Ethyope e Lybico e aos Semitas o Arabe, Hebraico, Phenicio e Aramaico a que se ligam o Assyrio, Chaldeu e Syriaco.

Dos Indo-Européos se destacam dous grupos importantes: o Asiatico e o Europeu sendo que na ramificação d'este vamos encontrar a Lingua Portugueza.

O grupo Asiatico contém:

1.º—*Indico* ou *Indiano*, tendo como typo classico o Sanskrito.

2.º—O *Iraniano* ou *Iranico* que compreende: Persa, Armenio, Zend, Huzvareche, Parsi, Afghnistan, Belutchictan, Kurso e mais alguns dialectos.

Ao grupo Europeu pertencem:

1.º—*Hellenico* que tem como typo classico o Grego.

2.º—*Lithuanico* que se triparte no Lithuano, no Letta e no Borussiano. (2)

3.º—*Slavo* que compreende: Russo, Bulgaro, Servio, Ruthenio, Polaco, Tcheque ou Bohemio e alguns outros. (3)

4.º—*Celtico*: Kimrico e Gaelico.

Ao Kimrico pertencem: Cornico, Gaulez, Bretão, e a lingua do paiz de Galles; ao Gaelico pertencem: Irlandez, Erse e o Mank qne se fala na ilha de Man. (4)

---

(1) Nesta nomenclatura seguimos a boa classificação feita pelo dr. Julio Pires, habil professor de lingua nacional no Gymnasio Pernambucano em sua Linguistica, modestamente denominada *Notas sobre a Lingua Portugueza*, criteriosamente traçada nos moldes das doutrinas de Max-Müller e de Whitney.

(2) O dr. Julio Pires apresenta neste ramo Lithuano e Letta, e como se compõe de tres unicas ramificações achamos conveniente preencher a lacuna.

(3) Max-Müller funde estes dous ramos para denominal-os simplesmente Windico, Whitney reune-os igualmente e chama-os: Slavo-celtico.

(4) O dr. Julto Pires dá apenas Irlandez e Erse.

5.º—*Italico:* Portuguez, Francez, Italiano, Hespanhol, Rumaico, Valachio e, como linguas mortas, o Latim, Osco e Umbrio.

6.º—*Germanico* ou *Teutonico* que compreende quatro ramos:

a) Gothico; *b*) Scandinavo: Irlandez, Norueguez, Sueco, Dinamarquez; *c*) Baixo Allemão: Saxão a que pertencem o Anglo-Saxão e o Inglez e Frisão a que pertencem o Hollandez e o Flamengo; *d*) Alto Allemão. Allemão propriamente dito.

TRONCO

O tronco é constituido exclusivamente pela *Linguistica,* isto é, pelas manifestações da linguagem sob o ponto de vista da formação, estructura e desenvolvimento das palavras e dos idiomas.

RAMOS

Sob o ponto de vista da doutrina que vimos expendendo, são cinco os ramos que desde os tempos prehistoricos até o estado actual da cultura intellectual da humanidade, a literatura póde apresentar-nos, porquanto nelles podemos encontrar todos os productos e concepções das diversas manifestações da intelligencia: Religião, Arte, Sciencia, Politica e Industria. São as creações fundamentaes e irreductiveis da humanidade. Dentro d'ellas se encontram todos os actos e phenomenos culturaes.

Sylvio Romero organisando pelo prisma da sociologia a theoria das creações fundamentaes da humanidade, diz-nos magistralmente sob sua incontestada autoridade:

«Não ha, não houve jamais um só phenomeno humano, um só producto de sua actividade, um só resultado da sua energia espiritual, emocional ou mental, que não pertença a uma qualquer d'essas classes.

Faça por si mesmo o leitor a verificação; pense em uma producção qualquer da cultura humana, hoje ou nos passados tempos; recorra á historia ou á psychologia e ha de ver que terá sempre diante de si ou uma creação religiosa, ou artistica, ou politica, ou industrial. E' que aquellas cinco são hoje e tem sido sempre as attitudes diversas do homem, diante do enigma do universo e das necessidades do seu proprio destino. (1)

Mas o brilhante espirito do eminente sociologo não se deteve em investigar si essas creações vivem independentes e dispersas no espaço e no tempo ou si gravitam autonomas entre si, mas cohesas no conjuncto, obedecendo ás leis de um systema que, para sel-o, ha de ter necessariamente um centro em torno do qual evoluam como ao redor do sol, que lhes distribue calor e movimento, gyram os corpos celestes pertencentes ao nosso systema planetario.

Limitou-se a dizer que são *independentes* historica e psychologicamente, porque *não se pode trocar ou substituir uma d'ellas por qualquer das outras.*

Perfeitamente: nesse sentido são independentes, mesmo porque entre si realmente o são, mas o seu conjuncto obedece fatalmente á acção de uma força universal para ellas sobre as quaes actúa, de um modo ineluctavel, por ser a causa primaria de sua existencia.

Que força pois é essa que com a irresistiblidade de uma lei physica, faz sentir a sua acção na essencia de todas essas creações do espirito humano?

Não podemos deixar de confessal-o: é a literatura.

(Continua)

---

(1) *Ensaio de Sociologia e Litteratura,* Cap. II, pag. 53.

As nossas escolas. — O ensino das mesmas. — Causas que concorrem para o pouco aproveitamento dos alumnos.

I

Aperfeiçoar o ensino, dando-se ás escolas todos os recursos de que precisam e ao professor o cultivo necessario e perfeito para bem poder cumprir a sua nobre missão, eis o empenho de todos os

paizes e de todos os governos. Para conseguir-se este objectivo desenvolvem-se todas as forças, vencem-se todos os obstaculos, sem temer-se difficuldade alguma e sem poupar-se esforço nem sacrificio.

E porque tanto interesse, tanto empenho e abnegação? Porque é a instrucção popular o unico elemento de progresso dos paizes e o meio de aperfeiçoar os povos. Esta verdade está reconhecida desde muitos annos pelas nações mais cultas do globo; porem, entre nós, passava despercebida e bem poucos della usavam occupar-se.

E a prova dessa asserção está no estado deploravel em que jaziam as nossas escolas.

Com o pomposo titulo de *escolas publicas* rotulavam-se, entre nós, e até bem pouco tempo, immundos pardieiros, onde torturavam-se as gerações nascentes e indignificavam-se os caracteres embryonarios, que por capricho da sorte nelles iam parar em busca de educação e de instrucção.

O aspecto horripilante das casas, o ar corrompido e pestifero que nellas se respirava, a miserabilidade dos poucos moveis que em algumas existiam, e ainda mais, os barbaros e aviltantes castigos corporaes que ahi eram applicados, tudo denunciava o atrazo da nossa instrucção, e a pouca ou nenhuma importancia que a esse factor principal de civilisação e progresso, ligavam os poderes publicos do antigo regimen.

Dos meios aconselhados pela sciencia do ensino e postos em pratica, com excellentes resultados, por todos os governos adiantados, não se curava entre nós e nem o ensino era julgado objecto de profundo estudo e séria cogitação.

Desde as primeiras creações das nossas escolas primarias, não houve, si não nos falta a memoria, quem procurasse doptal-as ao menos, com um pequeno numero de bancos-carteiras.

Convencidos os poderes desse tempo de que tudo estava feito, desde que era nomeado um quasi analphabeto, e muitas vezes com um passado de crimes e miserias, para reger a *escola*, adormeciam tranquillos e indifferentes, para só despertarem uma ou outra vez, para emprehender reformas que só visavam o interesse individual de amigos politicos.

Na instrucção publica só se enchergava uma utilidade:—era ter-se nos professores um bom numero de *cabos* eleitoraes, e só se visava um fim—o de arranjar afilhados.

Do preparo do mestre e dos melhoramentos materiaes escolares, eis do que jamais se cuidava.

Dahi a improficuidade do ensino, dahi a ignorancia popular.

Com o despontar do roseo dia 15 de Novembro de 1889, raiou para a educação deste povo um sól mais vivificador.

O Governo Republicano conhecedor das vantagens da instrucção, e certo de que a estabilidade das instituições e o progresso dos povos só dependem da educação popular, fez convergir as suas vistas para o Mestre e para a Escola, e tratou de aperfeiçoar aquelle e melhorar esta, tendo já conseguido realisar parte de seu *desideratum*.

Hoje, felizmente, já se pode transpôr os umbraes das escolas. Uma impressão mais agradavel ahi se experimenta, e, embora ainda ellas se resintam da falta de importantes melhoramentos, todavia já attrahem as pobres creaturinhas, que a ellas se dirigem, em busca do saber, e que têm a felicidade de não conhecer como nós conhecemos, o horrivel dessas *escolas*, cuja lembrança dessas horas de martyrios, que passavamos nesses verdadeiros carceres, onde estragavamos o corpo e atrophiavamos o espirito, ainda conservamos.

Não está completa a obra, mas temos fé de que ella se completará em breve.

A reforma da instrucção não pode ser feita de chofre: e só será proveitosa si for lenta, meditada e demorada; mas não deixa por isso de ser necessaria e util.

Tenhamos fé e esperemos, porque o patriotismo do nosso Governo nos autorisa a termos esperança de em um futuro proximo podermos dizer: — somos um povo progressista, porque temos escolas modernas e mestres competentes.

Octavio Pires.

O ENSINO PARTICULAR

Incontestavelmente é sobremodo valioso o concurso salutar que á instrucção popular trazem os estabelecimentos de ensino particular, *máxime* quando elles têm um accentuado cunho de disciplina e um competente corpo docente, ao par de uma habil direcção.

Tivemos occasião de verificar tudo isto, quando participamos da banca examinadora do Collegio «5 de Setembro» e comnosco pensam todos os examinadores, porque indubitavelmente o resultado d'esses exames a que com particular interesse acompanhamos, foi o mais brilhante possivel, superior á nossa espectativa, pois francamente não contavamos com esse exito.

As alumnas demonstraram muitos conhecimentos e aptidões, tornando-se notavel a disciplina interna da distincta casa de educação.

É muito louvavel o procedimento patriotico do illustre Chefe do Estado mandando dar a esse collegio como a outros um auxilio pecuniario, unico meio efficaz para a manutenção de Institutos d'essa ordem.

Não nos fartamos de declarar até hoje em toda a parte a excellente impressão que trouxemos do Collegio «5 de Setembro», felicitando calorosamente por isso a sua incançavel e distincta directora e á sociedade amazonense, ás familias que para suas filhas têm nesta terra casas de educação e de instrucção como essa.

Abaixo publicamos uma das nitidas provas escriptas de português, assignada pela alumna — Salvina Carvalho, da 5.ª classe do curso primario.

Prova escripta de português

Afastemos indiscretamente uma dobra do reposteiro que recata a camara nupcial. E' uma sala em quadro, toda ella de uma alvura deslumbrante, que realçam o azul celeste do tapete de oiro recamado de estrellas e a bella côr de oiro das cortinas e do estôfo dos moveis.

A um lado, duas estatuas de bronze doirado, representando o Amor e a Castidade, sustentam uma cupola oval de forma ligeira, d'onde se desdobram até ao pavimento bambolins de cassa finissima. Por entre a diaphana limpidez d'essas nuvens de linho percebe-se o molde elegante de uma cama de páo-setim, pudicamente envolta nos seus véos nupciaes, e forrada por uma colcha de chamalote tambem côr d'oiro.

Ponto: — *Phonologia. Som, alphabeto, letras, vozes, consonancias, monosyllabos e polysyllabos, oxytonos e barytonos, grupos vocaes e consonantaes, letras compostas e geminadas.*

Phonologia é a parte da lexicologia que estuda os sons com que se formam as palavras, assim como sua representação e pronuncia.

A phonologia divide-se em tres partes—*Phonetica*, *Prosodia e Orthographia.*

Phonetica é a parte da phonologia que estuda os sons elementares da lingua.

Som é a impressão produzida no ouvido com as vibrações do ar. Os sons elementares da lingua chamam-se phonemas. Os phonemas dividem-se em vozes e consonancias.

Phonema é qualquer som laryngeo vogal ou consoante, produzido pela acção das cordas gutturaes.

Tres são os factores dos phonemas: *A corrente expiratoria, o obstaculo e o espaço resonante.*

Vozes são phonemas que têm passagem livre pelo tubo vocal. Dividem-se as vozes em puras e nazaes, primarias e secundarias.

Vozes puras são aquellas em cuja emissão o ar passa livremente pela boca. São cinco: *a, e, i, o, u.*

Vozes nazaes são aquellas em cuja emissão o ar passa para as fossas nasaes. São cinco: *am, em, im, om, um.*

Vozes primarias são as que primeiro se formaram na lingua. Taes são: *a, i, u.*

Vozes secundarias são as que se formão das primarias. Taes são: *e, o.*

Consonancias são phonemas cuja pas-

sagem pela boca é embaraçada ou interceptada pela lingua, pelos dentes etc. As consonancias são 19.

Syllaba é um som ou um grupo de sons pronunciados de uma só vez. A syllaba mais forte de uma palavra chama-se syllaba tonica; as outras átonas, porque ficam dependentes da tonica.

As palavras quanto ao numero de syllabas dividem-se em monosyllabos e polysyllabos.

Monosyllabo é o vocabulo de uma só syllaba.

Polysyllabo é o vocabulo de mais de uma syllaba.

Diphthongo é a reunião de duas vozes n'uma só syllaba.

A primeira vóz do diphthongo chama-se prepositiva a segunda subjunctiva.

Triphthongo é a reunião de tres vozes numa só syllaba. A primeira vóz do triphthongo chama-se prepositiva, a segunda interpositiva e a terceira pospositiva.

Quando o accento tonico de uma palavra recae na ultima syllaba, esta palavra chama-se oxytona, quando recáe na penultima syllaba, chama-se paroxitona, e quando recáe na antepenultima chama-se proparoxytona.

Letras são as notações visuaes ou mesmo tacteis adoptadas por convenção para a representação dos phonemas.

As letras são simples, compostas e geminadas.

Letra simples é a que consta de um só signal.

Letra composta é a que consta de dois ou mais signaes.

Letra geminada é a representada por symbolos identicos.

Analyse lexicologica

Afastemos indiscretamente uma dobra do reposteiro que recata a camara nupcial.

Afastemos Tempo do v. *afastar*. 1.ª pess. do plur. do subj. presente. E' regular e transitivo directo. Elementos morphicos: rad. *afast.*, suff. v. *emos*.

indiscretamente Adv. de modo. Hex. paro. syll. ton. *men*. Contem um grupo conson. *cr*.

uma Adj. quant. indefin. Fem. sing. Diss. pars. syll. ton. *u*.

dobra Subs. app. conc. prim. simples. Fem. sing. Diss. pars. syll. ton. *do*. Contem um grupo consonantal *br*.

do Contr. da prep. *de*, com art. *o*, mas. sing. mon. atono.

reposteiro Subs. app. conc. derivado composto. Mas. sing. Tetr. pars. syll. ton. tei. Contem um diphthongo oral *ei*: letra prep. *e*, subj. *i*.

que Pronome relativo. Mon. atono. Contem um diphthongo oral *ue*, letra prep. *u*, subj. *e*.

recata Tempo do v. *recatar*. 3.ª pess. do sing. do ind. presente. E' regular e transitivo directo.

a Art. def. fem. sing. mon. atono.

camara Subs. app. conc. prim. simp. Fem. sing. Tris. prop. syll. ton. *ca*.

nupcial Adj. qual. restr. uniforme. Fem. singular.

Analyse Syntactica phraseologica

Periodo Afastemos indiscretamente uma dobra do reposteiro que recata a camara nupcial.

O periodo acima forma prep. complexa: contem uma principal e outra subordinada.

Princ. é ellyptica:—*Afastemos indiscretamente uma dobra do reposteiro.*

Sujeito ellyptico: nós.

Predicado total complexo:

—*Afastemos indiscretamente uma dobra do reposteiro.*

Predicado grammatical: *afastemos.*

Adj. adv. de modo: —*indiscretamente.*

Obj. directo: —*uma dobra do reposteiro.*

Subord. adj. pron. relativo: —*que recata a camara nupcial.*

Sujeito total e gramm. simples:—*que*:

Predicado total, complexo: - *recata a camara nupcial.*

Predicado gramm.: —*recata.*

Obj. directo: — *a camara nupcial.*

NOTICIARIO

Inglaterra.—A 31 de Julho ultimo, na Camara dos Communs, por occasião da discussão do orçamento da instrucção publica primaria, o qual elevou-se este anno a 6.200:000 libras sterlinas, o sr. Achant, chefe da secção de educação, pronunciou o discurso do costume, pondo em relevo os progressos effectuados no ultimo exercicio, e insistindo particularmente sobre dois pontos: a vigilancia assidua que devem ter os administradores de todas as escolas, livres ou não, para obrigar a stricta observancia das regras hygienicas nas casas escolares; e a necessidade de estabelecer as *Schovls Borard* nas localidades onde só existem escolas livres, e onde os paes já reclamam para seus filhos o ensino elementar, gratuito, como é de lei, sem que fossem attendidos.

Os oradores do partido liberal felicitaram Achant pela sua administração; mas a opposição atacou-o violentamente, accusando-o especialmente de seguir uma politica que tem por fim acabar com as escolas livres. O visconde Cramborne, que foi o mais aggressivo dos oradores, concluiu por uma proposta bizarra: elle pediu que a camara reduzisse os vencimentos de Achant a 500 libras sterlinas annuaes. Esta proposta apenas reuniu 66 votos, e a verba para a instrucção primaria foi logo approvada sem escrutinio.

Achant ainda obteve do Parlamento, antes do encerramento da sessão, o voto de um *bill* destinado a fazer desapparecer uma anomalia legal. Nos termos das *Educations Acis*, uma creança, desde a edade de *dez annos*, pode frequentar a escola só uma vez por dia; mas, nos termos dos *Factoris Acis*, uma creança só pode ser empregada em uma industria na edade de *onze annos*. Achant propôz que a dispensa do meio dia escolar só fosse concedida aos alumnos de onze annos. Foi approvada a proposta.

Belgica.—O 36.º congresso da Federação belga dos professores teve logar em Lourisa de 3 a 6 de Setembro do anno passado.

Foram discutidas as questões seguintes:

Projecto da divisão do professorado em tres classes de vencimentos.

Meios de melhorar a situação dos orphãos dos professores fallecidos.

Laboração de um programma de ensino primario, para a cathegoria das escolas.

Este congresso apenas reunio 200 professores, a respeito do que expressou-se da seguinte forma a *Revista Pedagoca Belga*:

«Qual a causa d'esse insuccesso? Por um lado é preciso attribuir-se um pouco a suppressão das viagens de preço reduzidos, e á ausencia de festividades; mas, por outro lado, não podemos deixar de accusar sobretudo a apathia do corpo docente, que se contenta em queixar-se agora como sempre, quando lhe cumpria unir-se estreitamente, para estudar os meios de dar ás suas escolas a primitiva popularidade. Mas para combinar, discutir e emprehender esta campanha, é mister vontade e energia, e o professor tornou-se um timorato, um puzilamine com a lei n.º 1884.»

«Eis porque os congressos enfraquecem; eis porque as federações fenecem.»

Allemanha. — O *Pedagogium* de Vienna extrahio da *Verve Freire Presse* alguns trechos de uma allocução proferida recentemente pelo dr. Schmoller, professor de economia politica da Universidade de Berlim, na ultima lição de seu curso.

O professor, depois de se haver queixado da pouca assiduidade dos alumnos, censurou severamente o genero de vida adoptado pela maioria delles na Universidade.

«Sinto profundo pesar, disse elle, em testemunhar que tantos estudantes nada fazem durante 2 ou 3 annos, senão perder tempo na vagabundagem e estravagancia.

Eu não digo que a mocidade se aposse do ar grave dos velhos e deixe de se divertir; mas nada absolutamente fazer durante 3 annos é o que se não vê em parte alguma e o que não se encontra em systema algum de educação, no mundo inteiro, excepto entre nós. Os que passam 3 annos somente a passear, a entregar-se a plena ociosidade no meio de praseres vulgares, arruinam não só o physico como o moral. E só por excepção se escapa ás terriveis consequencias de um semelhante genero de vida. Objectar-me-ão que o numero destes é muito pequeno e que existem, felizmente, muitos elementos melhores. Sim, existe, mas a proporção dos ociosos é verdadeiramente consideravel. Si me contrario, não é por mim, mas pelo futuro: eu pergunto a estes que se destinam á carreira administrativa si serão capazes de desempenhar a grande e difficil tarefa que os espera, e si, sob o ponto de vista do caracter, da educação e do saber, não estarão atrasados. E' um perigo enorme haver tantos servidores do Estado, referendarios, assessores, juizes, prefeitos e conselheiros, que nada absolutamente aprenderam na Universidade, excepto a divertir-se. As nossas classes dominantes e dirigentes *minam a columna que os sustenta*, tolerando que um terço de seus filhos procedam desta maneira. O futuro da nossa patria preoccupa-me. Entre as faltas das classes aristocraticas, deve-se apontar como a maior os excessos e as frivolidades da nova geração, que só deseja gosar, pelintrar, vadiar e que não quer trabalhar. Nada mais feio de que uma tal maneira de obrar, que já tem causado *revolução*, como nos ensina a historia.

Não se trata, pois, de uma questão puramente escolar, a frequencia mais ou menos regular ás aulas: trata-se da degradação do nivel intellectual e moral do nosso corpo docente, das nossas classes dirigentes em geral; trata-se do futuro do Estado Prussiano e do imperio Allemão."

Austria-Hungria.—Eis como são divididas as férias das escolas primarias de Vienna e Berlim:

	VIENNA	BERLIM
Ferias da Paschoa.....	5 dias	15 dias
,, de Pentecoste...	3 ,,	6 ,,
,, do verão.....	60 ,,	30 ,,
,, do outono ou S. Miguel ...		11 ,,
,, ,, Natal.....	3 ,,	16 ,,
Somma...	71 ,,	78

Segundo o relatorio do Ministro da instrucção publica, sobre as escolas primarias no exercicio de 1903 a 1904, existe 16:870 escolas primarias, sendo:

Escolas elementares	16:619
,, superiores.....	61
,, burguezas.....	173
,, superiores de meninas..	17
Somma.....	16:870

Quanto ao caracter dos estabelecimentos dividem-se.

Escolas do Estado.....	812
,, communaes..	1:934
,, confissionaes.....	13:804
,, particulares..... ..	220
Somma.....	16:870

Quanto aos alumnos as escolas dividem-se:

Escolas do sexo masculino.....	1:204
„ „ „ femenino.....	1:355
„ mixtas.....	14:311
Somma.....	16:870

O pessoal docente compõe-se de:

Professores.....	21:695
Professoras.....	13:438
Somma.....	25:133

Deste total, 22:133 apenas têm um certificado de habilitação.

O numero de creanças em idade escolar, conforme a lei, era de 2.591:376, dos quaes somente 473.794 não frequentavam escolas. As que a frequentavam, dividiam-se:

Sexo masculino.....	1.136:572
„ femenino.....	981:010
Somma.....	2.117:582
Meninos de 6 a 12 annos	1.626:069
„ „ 13 a 15 „	491:513
Somma.....	2.117:582

A instrucção na França.—Segundo a estatistica publicada em 30 de Setembro de 1903, havia em França 67:318 escolas publicas.

De meninos 16:950 (leigas) e 491 (congregacionistas). De meninas 16:950 (leigas) e 588 (congregacionistas). Mixtas 81:649 (leigas) e 588 (congregacionistas). Particulares 14:672.

No total 81:990 escolas com 5:593.883 alumnos, dos quaes 2:823.428 do sexo masculino e 2:770.455 do sexo femenino.

O numero dos professores attingia a 146:490. Alem deste ha 5.430 escolas infantis, para creanças de 2 a 6 annos de edade 3.616 publicas e 2.724 particulares, e 8.986 mestras.

Em 1901 as caixas de soccorros escolares eram em numero de 19:631 com 13.242.240 francos (4.514:137$440 rs. ao cambio de 27)

As de soccorros mutuos dos professores contam 42.674 e um capital de 5.577.100 francos (1.985:447$600 rs. ao cambio de 27).

As despezas com a instrucção primaria em 1901 attingio a 113.742.276 francos (40.492:251$256 rs. ao cambio par).

Em 1903 subiu a 125 milhões de francos (44.500:000$000 rs. ao cambio par da nossa moeda).

Distribuição gratuita

Sendo a nossa *Revista* creada por interesse collectivo do nosso magisterio primario, e attendendo-se a que os vencimentos do nosso professorado não deixam margem, nos tempos que correm, para acquisição de obras d'este genero, mandou o patriotico governo d'este Estado distribuil-a gratuitamente por todos os professores primarios.

Começamos, pois, a nossa publicação, cumprindo gostosamente essa ordem, distribuindo-a graciosamente por todas as escolas do Estado.

Desejamos ardentemente que a distribuição profuza d'esta *Revista* produza os beneficos resultados para que foi creada.

Os interessados deverão procural-a na directoria da instrucção publica, onde faremos depositar todos os numeros, á proporção que forem sendo publicados, em quantidade bastante para satisfazer aos pedidos.

INSTRUCÇÃO PUBLICA

Movimento do mez de Novembro de 1905

MOVIMENTO DO PROFESSORADO

Nomeação de professores publicos primarios

Da normalista D. Innocencia Garcia, interinamente, para a escola mixta do 1.º gráo, sita á Avenida "Silverio Nery".—3-11-905.

Do sr. Luiz Vilhena da Costa, interinamente, para a escola do sexo masculino de "Codajás".—22-11-905.

De d. Virginia Costa, interinamente, para a escola mixta da Cachoeira, no rio Purùs.—24-11-905.

Nomeações de lentes

Do sr. pharmaceutico Vicente Telles de Souza Junior, para a cadeira de Geographia, da Escola Complementar do sexo masculino, no impedimento do effectivo.—6-11-905.

Do sr. pharmaceutico Marciano Arnond, para a cadeira de Phisica, Chimica e Historia Natural, da Escola Complementar do sexo masculino, no impedimento do effectivo.—6-11-905.

Do dr. Armando de Berrêdo, para a cadeira de Gymnastica da Escola Normal, no impedimento do effectivo.—6-11-905.

De d. Maria de la Salette, para a cadeira de Portuguez da Escola Normal, no impedimento do effectivo.—6-11-905.

Do sr. Coriolano Durand, para a cadeira de Portuguez do Gymnasio Amazonense, no impedimento do effectivo.—30-11-905.

Remoção

Do professor da Cachoeira, no rio Purús, sr. Daciano Conegundes de Araujo, por conveniencia do ensino, para a escola mixta de "Arinaù", no lago do Limão.—24-11-905.

Designação

Ao professor Euripedes d'Albuquerque Prado, para reger a cadeira da escola do sexo masculino de Parintins.—13-11-905.

Exonerações

De d. Julia Roberto d'Azevedo, de professora interina da escola mixta da Boa-Vista de Manacapurú.—11-11-905.

Do pharmaceutico Waldemar Sá Antunes, de inspector escolar do interior do Estado, que o mesmo servia em commissão.—18-11-905.

Do sr. Bartholomeu Lozano, de servente das escolas publicas da capital.—24-11-905.

De d. Izabel Moreira do Nascimento de professora interina da escola mixta de Tarumã-miry.

De d. Maria d'Oliveira Silva, por abandono de emprego, de professora da escola mixta do Caldeirão.—7-11-905.

Decreto

N.º 743, de 17 de Novembro: cria uma escola mixta no logar Arinaú, no lago do Limão, em virtude do parecer do Conselho Superior de Instrucção.

Licenças

Ao lente cathedratico do Gymnasio Amazonense, dr. João José Fernandes Veiga, 90 dias.—22-11-905.

A' professora de prendas domesticas da Escola Normal, d. Rita da Silva Diniz, 60 dias.—23-11-905.

A' professora normalista da Capital, d. Anta Alvares de Amorim, 90 dias.—28-11-905.

MOVIMENTO DA SECRETARIA

Nomeação de empregados

Manoel Candido de Carvalho, para servente das escolas publicas da Capital.—14-11-905.

D. Amelia Amorim de Alencar Araripe, para regente extra-numeraria da Escola Normal.—17-11-905.

Chrispiano Manoel Nogueira, para servente das escolas publicas da Capital.—25-11-905.

Officios ao Governo	37
,, ,, Thezouro	70
,, a diversas autoridades .	45
,, a professores	15
Portarias	21

Actas do Conselho Superior de Instrucção	2
Reuniões do mesmo	2
Registro de titulos, apostillas e licenças	10
Termos de promessa	5
Requerimentos entrados	34
,, despachados	30
Pedidos entrados	32
,, despachados	22
Officios recebidos:	
Do Governo	27
Do Thezouro	1
De professores	50
De div. autoridades	60

GYMNASIO AMAZONENSE

Movimento do mez de Novembro de 1905

Officios expedidos	30
,, recebidos	70
Circulares expedidas	20
Petições entradas	12
,, despachadas	12
Reuniões do Cong.	6
Acta do Cong.	1
,, de concurso	1
Livros consultados na bibliotheca	9

MOVIMENTO DAS AULAS

Portuguez—1.º, 2.º, 3.º e 4.º annos, não houve aulas.

Francez —	1.º anno —	2	aulas
,,	2.º ,,	4	,,
,,	3.º ,,	3	,,
,,	4.º ,,	0	,,
Inglez —	2.º ,,	8	,,
,,	3.º ,,	8	,,
,,	4.º ,,	5	,,
,,	5.º ,,	1	,,
Allemão —	4.º ,,	6	,,
,,	5.º ,,	7	,,
,,	6.º ,,	5	,,
Latim —	3.º anno —	3	aulas
,,	4.º ,,	2	,,
,,	5.º ,,	1	,,
Grego —	4.º ,,	3	,,
,,	5.º ,,	3	,,
,,	6.º ,,	0	,,
Mathematica —	1.º ,,	8	,,
,,	2.º ,,	5	,,
,,	3.º ,,	6	,,
,,	4.º ,,	9	,,
,,	5.º ,,	6	,,
Ph. e Chimica —	5.º ,,	5	,,
,, ,, ,,	6.º ,,	2	,,
Historia Natural —	5.º ,,	5	,,
,, ,,	6.º ,,	12	,,
Litteratura —	5.º ,,	3	,,
,,	6.º ,,	2	,,
Logica —	6.º ,,	5	,,
Gymnastica —		3	,,
Tachygraphia —		12	,,
Desenho, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º annos		8	,,

As aulas estiveram suspensas de 14 a 16 e de 23 a 28, em virtude do concurso para preenchimento da cadeira de Geographia.

ESCOLA NORMAL

Movimento do mez de novembro de 1905

Officios expedidos á Instrucção Publica	14
Officios recebidos	15
,, dirigidos a diversas autoridades	12
Officios recebidos de diversas autoridades	2
Petições entradas	16
,, despachadas	14
Portarias	2

ALUMNOS MATRICULADOS

No 1.º anno	29
,, 2.º ,,	26
,, 3.º ,,	13
,, 4.º ,,	14
Alumnos inscriptos	3
Termos de inscripção	3
,, ,, promessa	4
Registo de titulos	2

Typ. da Livraria Classica de J. J. da Camara, Manáos

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura